



SILVIA BERTI

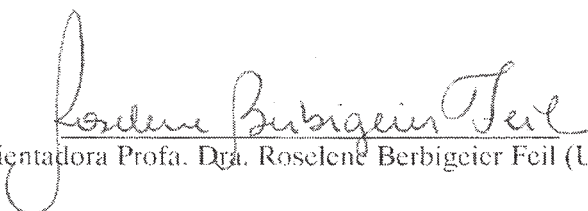
À VOLTA DA ROCA: LIÇÕES DE SABEDORIA COM OLÍVIA E ANA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Profa. Dra. Roselene Berbigeier Feil

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 07/12/2016.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora Profa. Dra. Roselene Berbigeier Feil (UFFS)


Nelva Maria Graziadei Fernandes (UFFS)


Rosa Maria Cominetti (UNOCHAPECO)

À volta da roca: lições de sabedoria com Olívia e Ana¹

Silvia Berti²

silviaanaclara@gmail.com

RESUMO: “À volta da roca: lições de sabedoria com Olívia e Ana” tem como objetivo estabelecer um diálogo das experiências de vida dessas duas personagens presentes, respectivamente, em Olhai os lírios do campo (1938) e Continente I (1949) de Erico Verissimo³ (1905-1975). A roca como ponto de encontro dessas mulheres, que sentam para falar da própria vida, uma vida que só existe no aspecto literário, mas aqui, objeto deste trabalho, tomada como vida comum. Elas fazem confidências e se constroem, e nos dão importantes conselhos. Olívia é doce e determinada, ama, mas é capaz de renunciar ao amor em razão de uma causa maior. Defende que para ser feliz não basta ter dinheiro e sucesso. Solidária, altruísta e generosa, lida com os conflitos com fê e compreensão, na absoluta crença de que o destino encontrará caminhos e maneiras para resgatar o humano perdido em cada ser. Ana Terra é sinônimo de força e de intensidade. Ama e se entrega de corpo e alma, desconhece limites. Luta contra o destino, resiste com bravura, e tem no tempo a resposta para suas angústias, um tempo que passa sem menção à fê ou à transcendência, mas com a certeza de que virá para corrigir as agruras da vida. Olívia e Ana se encontram na diferença, cada uma a sua maneira costura com o fio de Ariadne, um elemento intuitivo, tão comum às mulheres, que conduzirá ao ponto final, no caso delas, ao amor é preciso associar também a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Olívia; Ana Terra; força; romance; sabedoria.

Quando se procura um livro não é para fugir à vida, mas é para viver ainda mais, viver a vida de outras personagens, em outras terras, em outros tempos. Ainda é o desejo de viver que nos leva para os romances (Erico Verissimo, Um lugar ao sol, 1936).

Introdução

O presente artigo intitulado “À volta da roca: lições de sabedoria com Olívia e Ana”, tem como objetivo estabelecer um diálogo entre as personagens Olívia, de “Olhai os lírios do campo”, publicado em 1938, e de Ana, protagonista do capítulo “Ana Terra” pertencente à Continente I, de 1949, este parte da trilogia “O tempo e o vento”, que devido a sua importância e destaque na obra, mais tarde foi publicado separadamente. Ambas são obras de Erico Verissimo, escritor gaúcho nascido na pequena e interiorana Cruz Alta e, que valorizava tão bem o universo feminino, como destaque através de algumas passagens de suas memórias e entrevistas.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profª. Dra. Roselene Berbigieier Feil.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ O nome de registro civil do autor é Erico Lopes Verissimo sem os acentos acordados nas normas ortográficas para as palavras proparoxítonas. Algumas publicações trazem seu nome acentuado, aqui obedecerei a grafia que o autor usava em sua assinatura. (SAUTHIER, 2008, p. 7).

Na apresentação de “Ana Terra” o autor confessa certo embaraço em se meter na pele de uma personagem feminina, contudo, ressalta a necessidade de envolver-se, de fato, com as mulheres de sua obra ao falar sobre os muitos elementos que lhe serviram de matéria, destacando,

“Na criação de *Ana Terra*, até certo ponto me constrangi. Ao criar Clarissa *traduzi* para o sexo feminino minhas experiências de adolescente. Usei também observações que fiz de meninas adolescentes que conheci. Olívia é um tipo *construído*. Não se parece com ninguém que conheça. Em Bibiana e Maria Valéria vali-me de meu convívio com velhas, remotas tias, procurando meter-me na pele delas, sem o menor constrangimento. Fernanda é mais uma idéia do que uma pessoa” (VERISSIMO, 1996, p. 146).

Construções ou traduções tão sensíveis e com tamanha empatia resultaram em personagens femininas com forte presença no conjunto de figuras memoráveis da literatura brasileira do século XX, além de permitir ao autor viver situações inusitadas, conforme ele mesmo nos conta:

“Como pode um romancista do sexo masculino — perguntou-me alguém um dia — descrever com verdade e autenticidade os sentimentos duma mulher? Expliquei-lhe que, no meu caso, sempre que tinha de fazer isso eu procurava ser essa mulher. Meu interlocutor me olhou meio espantado e calou-se, aparentemente insatisfeito, e talvez até meio desconfiado de minha masculinidade” (VERISSIMO, 1995, p. 298).

Entretanto, recorrendo a Roland Barthes, em “Introdução à análise estrutural na narrativa” (2011), enfatizo que não se deve confundir o narrador do texto com o autor do texto, tampouco podemos confundir autor e personagens. Para Barthes, toda narrativa é uma comunicação que possui um doador e um destinatário, e as personagens são construídas à semelhança das pessoas num âmbito geral, trata-se de uma voz alheia ao próprio autor e, portanto, associações com pessoas que conviveram com o autor não são permitidas ainda que este tente fazer uma ligação óbvia entre personagens e pessoas de seu círculo social;

“ao menos em nosso ponto de vista, narrador e personagens são essencialmente seres de papel; o autor (material) de uma narrativa não se pode confundir em nada com o narrador desta narrativa. (...) *quem fala* (narrativa) não é quem *escreve* (na vida)” (BARTHES, 2011, p. 48-49, grifos do autor)

Foi com “Olhai os lírios do campo” que Verissimo alcançou reconhecimento nacional, esse foi o primeiro romance brasileiro a ter três edições em menos de dois meses, sem dúvida um feito relevante no início do séc. XX, desde a sua gênese esta obra parecia destinada ao gosto popular. Verissimo esclarece que o enredo nasceu:

“Por ocasião da visita que fiz um dia a um hospital onde um amigo se havia internado, vi um homem muito jovem sair dum quarto com um bebê recém-nascido nos braços. Contaram-me que a mãe havia morrido ao dar à luz a criança. A estória

ficou-me na cabeça, revolteando, provocando idéias e imagens como — hospital... médicos... mulher que morre... homem que fica, e que provavelmente a amava... Essa nebulosa foi o núcleo do mundinho de *Olhai os Lírios do Campo*. Tive a intuição de que estava na pista dum romance” (VERISSIMO, 1995, p. 265).

Porém, o ápice de sua consagração foi com “O tempo e o vento”, trama com duração de 200 anos, um retrato que mistura história e ficção e que hoje se confunde com a própria história do Rio Grande do Sul, marco para a literatura regional brasileira. Apesar do sucesso inquestionável de “O tempo e o vento”, ao contrário do que muitos creem é “Olhai os lírios do campo” o livro com mais traduções e adaptações mundo a fora. Há que se destacar também que são inúmeras as personagens femininas que podem e, certamente, se já não foram, ainda serão objeto de trabalhos acadêmicos.

A escolha por Olívia e Ana como *corpus* desse estudo, ainda que, tão distantes física quanto psicologicamente, é por traços convergentes ou divergentes, entre estes o amor e a relação de ambas com a morte.

No que tange ao amor que são capazes de sentir, um amor, que apesar de imenso e intenso, não é o mesmo, ele tem várias características determinantes no modo de ser, de agir e de pensar, fazendo-as personagens que o sentem de maneira emblemática. Olívia e Ana são mulheres possíveis, mulheres encontráveis em nosso dia a dia, são mulheres que Verissimo, segundo diz, recuperou de sua própria trajetória e que transvestiu de *personas* de papel ao dar-lhes a eternidade do texto literário. O autor em seu trabalho de criação e invenção de um espaço-tempo literários não tem qualquer compromisso com a realidade concreta, não se deve esquecer, no entanto, que as personagens “inventadas” sempre mantêm “alguma relação” com seres existentes na realidade que o cerca, por mais fantásticos que eles sejam, conforme nos lembra Mikhail Bakhtin,

“a atividade estética não cria uma realidade inteiramente nova. Diferentemente do conhecimento e do ato, que criam a natureza e a humanidade social, a arte celebra, orna, evoca essa realidade preexistente do conhecimento e do ato - a natureza e a humanidade social -, enriquecendo-as e completando-as, e ela sobretudo cria a unidade concreta e intuitiva desses dois mundos, coloca o homem na natureza compreendida como seu meio ambiente estético, humaniza a natureza e naturaliza o homem” (Bakhtin, *apud* Dalcastagne, 1996, p.18).

Nas personagens que destaco nestas duas obras é possível perceber essa conexão da arte com a natureza humana de maneira bastante rica, sempre apontando para a literatura e a sua capacidade vital de se expandir e transcender os tênues limites entre a ficção e a realidade, sobretudo quando representa o homem, as dores, os dilemas e as misérias de sua existência cotidiana.

Enquanto Olívia é paciente, Ana é impulsiva, nelas observo diferentes perfis de mulheres que se encontram e se encaixam, quando se fala de amor. Ambas vivem situações que as obrigam a rumar em busca de seus ideais, de seus desejos e de suas necessidades mais íntimas, tais, por fim, gritam mais forte que o coração. As motivações serão percebidas na voz delas que recolho neste trabalho, de antemão, destaco, em nada as calarei. Mulheres como Olívia e Ana não aceitam mordanças, nem teorizações que as tentem decifrar. São personagens que pedem vida, que instigam a empatia e despertam um olhar mais acolhedor.

Nas obras escolhidas o autor faz contrapontos que servem para reforçar as qualidades e, por vezes, os defeitos das personagens principais apresentando detalhadamente outras figuras femininas como parâmetro às comparações. Em “Ana Terra” tem-se presente D. Henriqueta, mãe de Ana, que mesmo depois de morta volta para fiar, ela não descansa nunca. Em oposição à filha, é a síntese da passividade diante do destino, um destino que sobrevive mesmo após sua morte. Em “Olhai os lírios do campo”, Eunice é o contraponto, mulher com quem Eugênio, objeto de amor de Olívia, se casa por interesse, deixando-a para trás.

A roca escolhida como ponto de encontro é uma metáfora. Um símbolo ou a materialização de um momento em que muitas mulheres choraram, se confortaram, descontaram sua raiva e engoliram suas individualidades, sempre sufocadas pelo silêncio exigido pela autoridade masculina ou pela vida que lhes impunha vontades que não as suas. Olívia dialoga com as dificuldades do mundo através de suas cartas, desabafa, dá conselhos, faz confidências e consola-se a si mesma. Olívia, ao escrever, parecia ter urgência em deixar um registro de sua passagem sobre a terra, a fatalidade de uma morte prematura a sondava sem ela saber. Ana conversa com a paisagem, é no horizonte infinito que encontra e absorve determinação para ter fé, o olhar sempre voltado ao longe nos faz crer numa vida também longeva, tal como a ela sucedeu. A morte associada ao elemento terra pode não ser um fim em si, pode ser uma transformação, uma revelação do desconhecido, a introdução ou o início de um novo ciclo, por isso, simboliza também a regeneração e a renovação, possuindo um caráter positivo, simbolizando uma mudança profunda.

2 Ana Terra – a heroína

Em Ana Terra está a força de lutar contra o destino, não deixar se abater nem nas piores noites de ventania. O vento, aliás, é bastante significativo nesse e em outros romances de Erico Verissimo, é ele que tira o mundo do seu lugar comum, desestabiliza as emoções e promove uma ruptura entre o conhecido e o desconhecido. É desta forma que inicia o

capítulo: “Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” (VERISSIMO, 2002, p. 114), um prenúncio de que o vento⁴ será “personagem” marcante em toda a trama. Parece relevante observar que Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, em “Dicionário de Símbolos” (2002) caracterizam o vento como símbolo de vaidade, de falta de estabilidade e de suprema inconstância que aparecem no murmurho do vento, seja através da brisa suave ou da mais brutal tempestade, exatamente o que ocorre com a vida de Ana. Ela assume o rumo da própria vida e se declara livre para sempre recomeçar, ela se faz vento e traz consigo tais características. De acordo com Paul Teyssier,

“O vento exprime é o mistério, o medo, a asfixia, a morte. Mas o Vento é também a voz do Tempo, esse tempo que não para de passar, esse tempo das longas esperas nas solidões desse fim de mundo. [...] o Vento é a expressão dessa dor de viver que a condição temporal do homem ocasiona” (s.p. 1995).

Além do vento, o tempo também tem sua importância, mas não um tempo como apego ao passado, como saudade, mas sim como um tempo que deve ser esquecido. Um tempo ligado à mudança, à evolução, não só dos acontecimentos, principalmente das personagens.

Um desejo que nasce do concreto que carrega no ventre, o filho Pedrinho, fruto de seu amor proibido com Pedro Missioneiro, a encoraja e é por ele que decide continuar. Ela jamais esqueceria os momentos de amor com Pedro Missioneiro, ainda que tenham sido por tão pouco tempo, “chegava a sentir o olhar de Pedro como um sol quente na nuca.” (VERISSIMO, 2002, p. 114). Não poderia desistir, não agora que Pedro Missioneiro se abrigara em seu corpo encontrando um jeito de seguir vivo e presente.

Ana Terra contraria a lógica das mulheres de sua época podendo ser vista como um retrato da condição feminina sufocada pelo machismo e pela violência que predominava. Tornou-se símbolo da mulher gaúcha pela bravura com que enfrentava a vida. Não permitia que lhe vissem por completa, assim como o vento, percebia-se apenas o seu efeito. Não sentiu jamais a força de uma derrota. Quando caiu levantou rapidamente e recomeçou, e recomeçaria tantas vezes quantas fosse necessário. A sensação que fica, ao encerrarmos a leitura dessa obra, é que Ana não recebeu aleatoriamente o sobrenome “Terra”, trata-se de uma referência à capacidade terrena de revigorar-se a cada catástrofe que lhe fustiga. O ventre de Ana era a própria terra, de onde nasceria sempre o otimismo e a continuidade, como destacado por

⁴ A presença do vento também é constante em “Olhai os lírios do campo”, neste assume características distintas, é a harmonia e a tranquilidade que o acompanham, “o vento fresco da noite entrava pela janela, bafejava o rosto de Eugênio e ele tinha a impressão de que aquela frescura vinha da amiga [de Olívia].” (VERISSIMO, 1976, p. 142) e “o vento é morno como um hálito humano. Estranhamente Eugênio se lembra de sua primeira noite de amor com Olívia”. (VERISSIMO, 1976, p. 73)

Chevalier e Gheerbrant (2002), fonte do ser e da vida, protetora contra toda força aniquiladora.

Ana vivia subordinada pelo pai, irmão e pela solidão “No momento em que abriu a porta, Ana Terra por um instante viu, ouviu e sentiu a chuva, o vento, a noite e a solidão” (VEERISSIMO, 2002, p.120), mas, conformismo diante das dificuldades, que sempre foram muitas, era uma sensação que nunca lhe coube, atravessava-lhe o desejo de viver sempre mais.

Quando Pedro Missioneiro apareceu na estância não soube lidar com aquele sentimento novo, era como um vendaval, e talvez, quem sabe, Ana chegou mesmo a sentir saudade de dias de brisa suave e dos ventos de calmaria. Contudo, sabia que não era o tipo de mulher que sucumbisse com facilidade, a vida já tinha lhe mostrado de qual fibra fora feita, logo,

Chegou à conclusão de que odiava aquele homem, que sua presença lhe era tão desagradável como a de uma cobra. Desde aquele momento passou a ter um desejo esquisito de judiar dele, fazer-lhe todo o mal possível. Um dia botou-lhe cinza fria na comida. Noutro, sem que ele visse, atirou um punhado de sal no pote em que ele ia beber leite. [...] Envergonhou-se imediatamente desse desejo, que lhe parece doido, e por isso mesmo odiou ainda mais aquele homem estranho que lhe despertara sentimentos tão mesquinhos” (VERISSIMO, 2002, p. 114).

Todavia, com o tempo percebeu que o que realmente sentia era amor, um amor incontrolável que lhe ardia o corpo e lhe queimava a boca. “No fundo ela bem sabia o que era, mas envergonhava-se de seus sentimentos. Queria pensar noutra coisa, mas não conseguia. (...) Sabia o que aquilo significava.” (VERISSIMO, 2002, p. 124), quando como num delírio

Sentiu quando o corpo do índio desceu sobre o dela, soltou um gemido quando a mão dele lhe pousou num dos seios, e teve um arrepio quando essa mão lhe escorregou pelo ventre, entrou-lhe por debaixo da saia e subiu-lhe pela coxas como uma grande aranha-caranguejeira. Numa raiva lhe agarrou com fúria os cabelos, como se os quisesse arrancar” (VERISSIMO, 2002, p. 131).

Porém, como a força de uma tempestade, Ana entendeu que tudo mudaria, que o vento não estava a seu favor, “Ana voltou para casa com a morte na alma. Ia pensando naquela coisa que lhe crescia no ventre. Dentro de poucos dias não seria mais possível esconder que estava grávida” (VERISSIMO, 2002, p. 134). Depois de descoberta a gravidez e a morte de Pedro “Ana pensou então em matar-se. Chegou a pegar o punhal que o índio lhe dera, mas compreendeu logo que não teria coragem” (VERISSIMO, 2002, p. 137).

Os dias que viriam seriam ainda piores,

“Agora, deitada no chão, tomada duma invencível cansaça, Ana Terra, sem compreender bem o que via, seguia com os olhos os movimentos dos irmãos que

montaram nos seus cavalos e, levando um terceiro a cabresto, seguiram a trote na direção da sanga. Ouviu quando o pai lhes gritou: - bem longe daqui...” (VERISSIMO, 2002, p. 136).

“Quis gritar, mas não teve forças. A saliva se lhe engrossara na boca e uma garra parecia comprimir-lhe a garganta. O corpo inteiro tremia, como se ela estivesse atacada de sezões. Estendeu-se no chão de todo o comprimento, sentindo na orelha, no pescoço e nas faces a frialdade da terra” (VERISSIMO, 2002, p. 136).

Nas palavras do pai estava a instrução para que Pedro fosse morto. De repente “sentiu de súbito uma inesperada, esquisita alegria ao pensar que dentro de suas entranhas havia um ser vivo, e que esse ser vivo era seu filho e filho de Pedro” (VERISSIMO, 2002, p. 137), era a vingança que se imporia à dor da perda, um tipo de vitória que lhe confortava, “vieram outros dias e outras noites. E nunca mais o nome de Pedro foi pronunciado naquela estância” (VERISSIMO, 2002, p. 139). Aquilo que até então fora apenas solidão tornou-se energia, “o filho começou a mexer-se em suas entranhas e ela passou a brincar com uma ideia que dali por diante lhe daria a coragem necessária para enfrentar os momentos duros que estavam por vir. Ela trazia Pedro dentro de si” (VERISSIMO, 2002, p. 139).

A presença de Pedro, no filho em gestação, a fez sentir vontade de viver, decidiu não se entregar, já tinha passado por coisas terríveis, sabia que “a sorte andava sempre virada contra ela. [...] estava agora decidida a contrariar o destino, se uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem, pode e deve [...] Ana Terra começou a sentir no corpo o calor duma esperança nova” (VERISSIMO, 2002, p. 158).

Ana mais uma vez precisou mostrar força e coragem. Quando da invasão dos castelhanos, desobedeceu às ordens do pai para que se escondesse com a cunhada e as crianças. “E vosmecê sabe o que lhe pode acontecer?” (VERISSIMO, 2002, p. 151), ela sabia, mas, mesmo assim, quis ficar para proteger os outros e foi brutalmente violentada

“Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer, mas não conseguiu. O homem e resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que cuspiu nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Depois perdeu os sentidos” (VERISSIMO, 2002, p. 153).

Ana tinha sentido torturas maiores na alma, não seria o corpo que a faria enfraquecer a fibra, na mesma linha defendida por Olívia era preciso disposição “ao sacrifício e nunca fugir à luta” (VERISSIMO, 1994, p. 240).

Quando acordou, percebeu então que estava definitivamente só. Todos estavam mortos, naquele momento sentia que também estava, mas tinha que se reerguer pelos que, por sorte, ficaram, “de repente avistou, intata sobre o pequeno estrado, a roca de D. Henriqueta. ‘ainda bem que a mamãe está morta’, pensou” (VERISSIMO, 2002, p. 157).

Certo tipo de piedade acompanhou Ana Terra por muito tempo e isso a ajudou a continuar. Viver implicava lutar, mas sabia que “viver era bom: ela desejava viver, para ver o filho crescer, para conhecer os filhos de seu filho e, se Deus ajudasse talvez os netos de Pedrinho” (VERISSIMO, 2002, p. 163), compartilhando a mesma percepção de Olívia, “a vida é boa!” (VERISSIMO, 1976, p. 85) e, em razão disso, seguir é a melhor alternativa. Ambas sabiam “só a vida ensina a viver (...). É preciso a gente ver primeiro tudo que a vida tem de mau e de sórdido para depois podermos descobrir o que ela tem de belo e de bom, de profundamente bom” (VERISSIMO, 1976, p. 248).

Ao contrário de Olívia que morreu jovem, Ana teve a oportunidade de viver. Na busca incessante de contrariar o destino, decide rumar para o novo, mesmo sem saber que lhe esperava, “pelas manhãs as carretas viajavam através da cerração. E Ana temia que os bois resvassem e caíssem todos naqueles precipícios medonhos. Não queria mais morrer.” (VERISSIMO, 2002, p. 163). Ana não só pode ver seu filho crescer como pode, sempre com o auxílio da velha tesoura de podar⁵, que lhe separou de Pedrinho, trazer ao mundo várias crianças no povoado de Santa Fé. Diziam que tinha “Boa mão” (VERISSIMO, 2002, p. 170). Quando chamada a fazer partos, saía com um sorriso no rosto e exclamava “então a festa é pra hoje” (VERISSIMO, 2002, p. 170). A festa nem sempre trazia alegria, quando nascia uma mulher, Ana não hesitava em demonstrar a tristeza que carregava dentro de si, “Que Deus tenha piedade dela!” (VERISSIMO, 2002, p. 170). Nascer homem também não garantia felicidade em tempos de guerra.

Ana ainda precisou passar por mais provações durante os conflitos com os castelhanos. Quando por conta da guerra precisou implorar para o velho Amaral que poupasse seu filho, e na recusa “Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para ficar aleijado brigando com os castelhanos” (VERISSIMO, 2002, p. 175). Em mais um dos momentos em que o vento mostrou-se presente foi preciso despedir-se de Pedro, o seu Pedrinho foi para a batalha, a esperança de que ele voltaria nunca lhe faltou “diz Ana Terra para si mesma. – Uma coisa dentro de mim me diz que meu filho não morreu” (VERISSIMO, 2002, p. 178), e ela ficou esperando, cumprindo o que para ela, era o destino de todas as mulheres. A paciência e aceitação em esperar os homens que iam para guerra era a arma que tinham para suportar as partidas e as incertezas do retorno.

⁵ Verissimo levou para a ficção a máquina de costura Singer, usada por D. Bega, sua mãe, transformou-a na roca de Ana Terra. A grande tesoura de ferro, usada para cortar as peças que costurava, também apareceu em “*O Tempo e o Vento*, nas mãos de Ana Terra, que com ela cortava o cordão umbilical dos recém-nascidos que partejava” (VERISSIMO, 1995, p. 40).

3 Olívia – a abnegada

Mesmo tendo como personagem principal um homem, Eugênio Fontes, o livro “Olhai os lírios do campo” (1976), possui dois momentos determinantes, um anterior e um posterior a morte da personagem Olívia, uma das figuras femininas mais clássicas de Erico, é ela que dá o tom à narrativa, todas as frustrações e desencantos de Eugênio nascem de sua ambição e da negação do amor que Olívia por ele sempre nutriu.

Olívia demonstra ser bastante compreensiva, apresentando uma imensa sabedoria em relação à vida, é sempre misteriosa no que se refere ao seu passado, contudo deixava transparecer sua alma. Na tentativa de ajudar Eugênio a ser uma pessoa melhor, contentava-se em servir como um simples sedativo, “Olívia compreendeu, baixou a cabeça e beijou-o na boca. E mais uma vez se entregou, como quem quer aliviar o sofrimento dum doente com uma injeção sedativa” (VERISSIMO, 1976, p. 93), ela lhe abrandava a ansiedade e o desconforto por não ter tudo o que julgava merecer. Olívia era a sobriedade e o alento. O índio Pedro Missioneiro também teve seu sedativo, era Ana, a mesma que o cegava com uma paixão que falava mais alto, contrariando toda a lógica étnica e cultural do século XVIII já conhecida através da história oficial e da própria literatura.

A figura de Olívia é a representação da mulher madura, daquela que aprende muito cedo o que esperar ou não da vida, sempre segura do quer e pensa em relação ao futuro. Pobre de nascimento, segundo algumas vagas referências no texto, rica de espírito, formou-se com sacrifício, trabalhando e estudando ao mesmo tempo, foi a única mulher de sua turma a tornar-se médica. Sempre viveu num ambiente exclusivamente masculino, mesmo assim não deixou que sua ternura fosse comprometida. Sua amabilidade era um aspecto importante na relação com e entre os camaradas da universidade.

Na noite antes de se casar com Eunice, confuso Eugênio procura pela amada, na tentativa de ouvir algo que talvez o fizesse mudar de ideia, mas Olívia em sua total abnegação não tenta dissuadi-lo, resigna-se a ver o homem que ama seguir um caminho que, para ele, levaria à felicidade.

“naquela noite de confiança ela não lhe confiou um único motivo, dormiram juntos, mas ela não manifestava qualquer oposição (...) amara-o sem egoísmo, fora fiel até o fim” (VERISSIMO, 1976, p. 156).

É de crer que fosse desejo dos leitores e, em especial, das leitoras que a protagonista lutasse por aquele amor, seguindo a tendência romântica quase natural que leva mocinhos e

mocinhas a viverem felizes para sempre, mas Olívia aceita passivamente quando o amado decide abandoná-la para casar-se com Eunice, mulher rica, fútil e mimada, que daria a Eugênio o *status* social que ele sempre almejou. Eunice Cintra era para Eugênio uma aposta segura, que mais tarde converteu-se em pesadelo. O desamor o acompanhou por muito tempo, somente após a morte de Olívia, Eugênio recebeu uma segunda oportunidade.

Mesmo grávida Olívia oculta essa informação ao pai de Anamaria, em silêncio vai viver numa cidade do interior e dedicar-se à medicina, tornou-se mãe solteira, condição condenável para a sociedade da época, renunciou à sua felicidade pela felicidade do outro. Apenas no leito de morte, por conta de um câncer, decide chamar Eugênio e revelar a existência da filha.

“Deixo-te Anamaria e fico tranquila. Já estou vendo vocês dois juntos e muito amigos na nova vida, caminhando de mãos dadas. Pensa apenas nisto: há nela muito de mim e principalmente muito de ti. Anamaria parece trazer escrito no rosto o nome do pai” (VERISSIMO, 1976, p. 154).

Olívia além de perdoá-lo, detentora de uma sabedoria e de uma generosidade louváveis, deixa cartas com ensinamentos, palavras de consolo, sempre tentando mostrar que dinheiro não traz felicidade. São relatos comoventes que Eugênio só descobre a partir de um bilhete escrito por Olívia quando esta se preparava para a cirurgia que poderia salvá-la e que recebe ainda no hospital, logo após sua morte.

As cartas foram escritas “para não te mandar” (VERISSIMO, 1976, p. 155) e por anos foram se acumulando em gavetas. A morte de Olívia deu a Eugênio certa clareza, como ele mesmo afirma “antes eu estava cego” (VERISSIMO, 1994, p. 214), a partir dela é que Eugênio reconhece o amor, dá-se conta do quão era infeliz. Separa-se de Eunice e decide criar a filha Anamaria ainda pequena.

Olívia era dona de uma simplicidade genuína e, algumas vezes, um tanto infantil, apresentava-se tal qual era, “uma criança a escutar contos de fadas” (VERISSIMO, 1994, p. 69). Poucas informações são trazidas à tona a respeito de seu passado, as conjecturas levam a crer que tenha vivido experiências repletas de sofrimentos, que, contudo, não deixaram espaço a rancores, ela “não odiava o mundo, nem se julgava vítima de nenhuma injustiça” (VERISSIMO, 1994, p. 68). Trazia consigo de épocas antigas dois traços destacáveis: a obscuridade e a pobreza, ambos traduziram-se em motivos para reflexão fazendo-a “um ser humano, [...] alguém que *era*, que *existia*, de maneira profunda, integral, que não constituía apenas a soma de vaidades, de atitudes, de desejos de parecer” (VERISSIMO, 1994, p. 74-75).

Detalhes de sua personalidade são revelados sutilmente através de “olhos humanos” (VERISSIMO, 1994, p. 68) e de “sua voz não rica de inflexões, [que] não se coloria de falsas doçuras. Era, antes, quase monocórdia, grave e tranquila; tinha, como os olhos, uma quente qualidade humana” (VERISSIMO, 1994, p. 68).

Dentre as muitas lições tomadas a partir das falas de Olívia é possível que a mais expressiva seja a suprema necessidade de aceitação das pessoas como elas são, sobretudo, concedendo-lhes o perdão por suas fraquezas humanas, como ela diz a todos, mas aqui, em especial à figura de Eugênio, “- O que tu precisas é aceitar as criaturas. A humanidade não tem culpa da maldade daqueles poucos homens que te humilharam” (VERISSIMO, 1994, p. 77).

O desejo de Olívia, em verdade, era uma cobrança, pois “há na terra um grande trabalho a realizar. É tarefa para seres fortes, para corações corajosos [...] é indispensável que conquistemos este mundo, não com armas de ódio e de violência e sim com as do amor e da persuasão” (VERISSIMO, 1994, p. 177) um posicionamento bastante semelhante ao de Ana Terra em toda a sua trajetória.

“Procurar nossa felicidade através da felicidade dos outros [...] Não estou pregando o ascetismo, a santidade, não estou elogiando o puro espírito de sacrifício e renúncia. Tudo isso seria inumano, significaria ainda uma fuga da vida. Mas o que procuro, o que desejo, é segurar a vida pelos ombros e estreitá-la contra o peito, beijá-la na face [...] Buscar a poesia da vida fora da vida será coisa que tenha nexos?” (VERISSIMO, 1994, p. 198).

Nesta passagem e nas duas seguintes observamos um discurso paciente e tolerante, todavia engajado. Os desejos de Olívia distanciavam-se muito dos de Eugênio.

“O dia mais importante da minha vida foi aquele em que, recordando todos os meus erros, achei que já era hora de procurar uma nova maneira de ser útil ao próximo, de dar novo rumo às minhas relações humanas. Que era que eu tinha feito senão satisfazer os meus desejos, o meu egoísmo? Podia ser considerada uma pessoa boa apenas porque não matava, porque não roubava, porque não agredia? A bondade não deve ser uma virtude passiva [...] O mundo está cheio de sofrimento, de gritos de socorro” (VERISSIMO, 1994, p. 198).

“Às vezes eu me pergunto se por estarmos parados a cuidar apenas de nós mesmos, não somos um pouco culpados da miséria e da desgraça que anda pelo mundo [...] O ideal seria um mundo em que cigarras e formigas vivessem em harmonia inteligente” (VERISSIMO, 1994, p. 212-213).

Apesar de defender a bondade como alternativa que culmine numa convivência sem dores e misérias, ela enfatizava que o aprendizado verdadeiro não viria sem uma pitada delas “... só valem as experiências que fazemos com a nossa própria carne” (VERISSIMO, 1994, p. 213). Aquilo que Olívia considerava serem as “experiências válidas” nada mais era do que reflexo de inquietas reverberações do destino caracterizadas pela insegurança, percebidas em

vários de seus questionamentos “- Não será doentio a gente estar cavoucando desse modo no mundo das possibilidades? E se um cometa se chocar de repente com a Terra? Se dum momento para o outro falhar a lei da gravidade?” (VERISSIMO, 1994, p. 239). A fé que Olívia via como requisito à sobrevivência também passava por momentos de dúvida, “e se, e se, e se” eram constantes sabendo das dificuldades em se conseguir congregar

“os homens de boa vontade partidários do pacifismo e determinar a cada um a sua tarefa, tendo em vista que todos, desde o artesão mais humilde até o intelectual mais reputado, podem prestar serviços à causa dentro do raio da sua atividade. Devem-se usar as armas do amor e da persuasão” (VERISSIMO, 1994, p. 240).

As ideias de Olívia se prestam a reflexões metafísicas, “pensemos apenas nisto: não fomos consultados para vir para este mundo e não seremos consultados quando tivermos de partir. Isto dá bem a medida da nossa importância material na terra, mas deve ser um elemento de consolo e não de desespero” (VERISSIMO, 1994, p. 273). A partir desse fragmento pode-se perceber que a literatura, apenas de não pretender, é um recurso eficaz às reflexões bastante abrangentes, provocando nos leitores, conforme destaca Fábio Lucas, “tentativas de respostas intelectuais, respostas da consciência a problemas humanos. [...] fermenta, ao projetar imagens fictícias em nossa consciência, questionamentos acerca do humano” (1989, p. 183).

4 Comparações e contrapontos

Olívia e Ana, cada uma delas ao seu modo, são o expoente daquilo que consideramos “mulheres fortes”, que fogem aos padrões “apropriados” para a época em que viveram. São capazes de lutar, de resistir e de serem felizes, mesmo diante de situações adversas, que as obrigam a mudar de planos, a mudar de rumo. Olívia e Ana são mulheres de todos e para todos os tempos, inúmeros são os personagens femininos de Verissimo que apontam para a mulher como o sustentáculo da sociedade.

“Saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu” (VERISSIMO, 1976, p. 154) é um conselho de Olívia que deveríamos seguir. Ana sabia o que era isso, todavia nem sempre era com a calma que Olívia gostaria que fosse. O olhar de Ana era com impaciência, com desespero e ansiedade para que algo de diferente lhe acontecesse, para que aquele marasmo acabasse e que o destino, por fim, cumprisse uma missão grandiosa como aquela que pretendeu cumprir no momento em que se viu só e grávida. Por vezes D. Henriqueta murmurava “o que essa menina precisava mesmo é casar

duma vez”. (VERISSIMO, 2002, p. 129), casamento, entretanto, não era algo que Ana desejasse, menos ainda para que enfim a mãe pudesse dizer que algo aconteceu naqueles campos ermos.

Olívia e Eugênio tornam-se apenas amantes, nunca pensaram em casar-se,

“Olívia lhe dava o prazer, resolvendo-lhe providencialmente o problema sexual. Não fazia nenhum alvoroço, não pedia compensações, nem sequer falava em amor. Era uma situação conveniente. Ele simplesmente a usava como quem usa um objeto” (VERISSIMO, 1976, p. 173).

Um amor nunca assumido por questões sociais e, principalmente, econômicas. Ele não queria continuar pobre, era ambicioso demais, mas se tornou apenas “aquele moço que casou com a filha do Cintra” (VERISSIMO, 1976, p. 246).

O amor de Ana e Pedro também fora condenado por padrões sociais, o pai e os irmãos mataram Pedro em nome da honra da família. Para Ana uma dupla condenação, pois

“tinha que viver com a presença dos assassinos do pai de seu filho, os próprios irmãos, que nem ao menos disseram onde o enterraram para que pudesse rezar por ele. “– Cobardes! – exclamou Ana, olhando também para os outros homens. – Mataram o Pedro – desabafou ela. – Assassinos!” (VERISSIMO, 2002, p. 142).

Enquanto Eugênio encontra a salvação em Olívia morta, Pedro Missioneiro, ao conhecer Ana, encontrava seu fim. Olívia esconde a gravidez para preservar o futuro do amado. Ana luta até o fim para que fujam e possam criar o filho juntos. Nenhuma das duas foi feliz.

Olívia sempre compreendeu Eugênio, o ajudou a superar suas crises existenciais, sempre se contentando com migalhas. Ana só precisava ser amada, independente de como fosse. Olívia precisava que os outros também soubessem amar, “procurar a nossa felicidade através da felicidade dos outros” (VERISSIMO, 1976, p. 174) podemos considerar a síntese de uma possível teologia, numa menção direta ao texto bíblico ela diz,

“De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles?

Quero que abras os olhos, Eugênio, que acordes enquanto é tempo. Peço-te que pegues na minha Bíblia, que está na estante de livros, perto do rádio, e leias apenas o Sermão da Montanha. Não te será difícil achar, pois a página está marcada com uma tira de papel. Os homens deviam ler e meditar nesse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo, que não trabalham nem fiam e, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu com um deles.

Está claro que não devemos tomar as parábolas de Cristo ao pé da letra e ficar de papo para o ar, esperando que tudo nos caia do Céu. É indispensável trabalhar, pois um mundo de criaturas passivas seria também triste e sem beleza. Mas precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E quando o amor ao

dinheiro, ao sucesso, nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do Céu.

Não penses que estou fazendo o elogio do puro espírito contemplativo e da renúncia, ou que ache que o povo deva viver narcotizado pela esperança da felicidade na ‘outra vida’” (VERISSIMO, 1994, p. 176-177).

Não raras vezes Olívia chega parecer surreal com toda sua bondade, uma construção inverossímil, mesmo para uma personagem de texto literário. Já Ana é mais real do que nunca quando decide recomeçar a vida pelo filho. Olívia aceitava o destino com abnegação “olha as estrelas. Enquanto elas brilharem haverá esperança na vida” (VERISSIMO, 1976, p. 94), Ana o desafiava.

Nas obras Verissimo também faz um paralelo entre as personagens principais. De um lado mulheres submissas, sofredoras, como D. Henriqueta, mãe de Ana, e de outro, mulheres arraigadas a valores e *status* sociais como Eunice, esposa de Eugênio.

D. Henriqueta, mulher simples que viveu toda sua vida para servir ao marido e aos filhos, fiava todos os dias e tecia aqueles fios como se fosse uma lamúria. Ela pode ser comparada às Moiras, que segundo a mitologia grega são o próprio destino, tinham o dom de fiar e tecer, eram as responsáveis por fabricar, tecer e cortar o fio da vida dos mortais, as conhecidas domadoras de deusas e homens. Para os gregos o destino era feminino, ligado a momentos próprios da mulher, como o parto, o matrimônio e a morte, poder absoluto que sela o futuro da natureza masculina. Para Ana, a mãe havia nascido apenas para sofrer o destino, quando da sua morte não chorou “porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava” (VERISSIMO, 2002, p. 145). Em incontáveis noites Ana ouvia o barulho da roca, nem depois de morta a mãe deixava de tecer o infeliz destino. Quando o neto Pedrinho perguntava sobre o ruído compassado, Ana respondia “não é nada, meu filho. Deve ser o vento” (VERISSIMO, 2002, p. 146). A figura da mãe era modelo daquilo que Ana não queria ser e contra tudo aquilo que se rebelava, nunca concordou como a mãe submissa aos pés do marido e dos filhos, sabia que “às vezes, quando estava sozinha, chorava, mas na frente do marido vivia de cabeça baixa e raramente abria a boca” (VERISSIMO, 2002, p. 101). Apesar de não concordar tinha pela mãe algum carinho ao ver que “mesmo na tristeza seu rosto não perdia a expressão de resignada serenidade” (VERISSIMO, 2002, p. 116) e que nela podia confiar:

“D. Henriqueta aproximou-se do catre da filha, sentou-se junto dele e começou a acariciar desajeitadamente a cabeça de Ana. Por longo tempo nenhuma das duas falou. Ana continuava de olhos cerrados, reprimindo a custo as lágrimas da mãe. (...) Não, minha filha, teu lugar é aqui. Teu pai diz que tu está morta. Mas eu sou ainda tua mãe. Teu lugar é aqui” (VERISSIMO, 2002, p. 138).

Eunice, egoísta, recusa-se a ser mãe, “não quero saber de filhos. Esses mamíferos esfaimados nos deformam o corpo” (VERISSIMO, 1976, p. 102). “Ficar grávida é permanecer nove meses em estado de doença e ao cabo desse tempo expor-se a um perigo de morte” (VERISSIMO, 1976, p. 103) a ela era algo impensável assim como qualquer outro gesto humano. O domínio sobre Eugênio dava-se sempre em razão de sua condição social, as humilhações e os xingamentos foram frequentes durante todo o relacionamento, costumava afirmar que se casou “por uma extravagância e um pouco por pura piedade” (VERISSIMO, 1976, p. 180). Com ela, ele conquistou bens materiais, mas não a felicidade conjugal. Abandonou a profissão de médico, ganhou um emprego de fachada na empresa do sogro, viveu uma vida de mentiras, constatando, por fim, o erro ao abandonar Olívia, se arrepende por levar uma vida superficial dizendo, “ – Parece incrível que depois de mais de três anos de casados ainda não tenhamos nenhuma intimidade um com o outro, nenhuma franqueza...” (VERISSIMO, 1976, p. 177), algo já previsto por Olívia ao saber das necessidades de Eugênio, “ele vira nela a sua carreira, a oportunidade de fugir na luta sem glória, dos subúrbios e do anonimato” (VERISSIMO, 1976, p. 38-39).

Enquanto Olívia tinha sabedoria suficiente para ensinar Eugênio, mesmo depois de morta, através das cartas, Ana precisou aprender sozinha, a seguir seu caminho, teve que aprender a esperar. Ana fazia Olívia lutar pelo amor de Eugênio, lutar contra o destino, assim como ela o fez. Olívia não tecia em nenhuma velha roca, escrevia na tentativa de mostrar ao “futuro” como esperava que as coisas fossem. Ana viveu um destino doloroso e incansável na sanha de fazê-la crescer, além do som lamurioso da roca o som do vento lhe servia de presságio, o aviso de um futuro que estava prestes a acontecer e contra o qual deveria estar de prontidão, a inevitabilidade da vida a ela se apresentava em todos os momentos.

O amor de Ana é carnal, é apressado, tem desejo, é urgente como o vento em noites de tormentas, é capaz de levar à loucura. O amor de Olívia é sublime, acalma, traz paz, é claro como um dia de brisa fresca, sem medos ou dramas. São mulheres que, através do texto literário, servem de modelo a outras. A roca – roda usada para transformar variadas fibras em fios – dava material à vida construída de fios organizados em tramas pelo tempo, o verdadeiro tecelão. Nas histórias de Olívia e Ana é possível observar qual o ponto basilar, o fio de Ariadne, que produz o tecido de suas vidas: a morte que, infelizmente, está associada ao amor. A partir dela, a vida de Eugênio começa e a vida de Ana se fortalece. Pode ser inusitado que a morte sirva de momento de revisão ou apenas como mais uma artimanha da literatura promovendo discussões sobre temas dolorosos e que, nem sempre, sentimos disposição para tentar entender de modo mais racional. O certo é que a arte, como muitos já determinaram,

nos coloca em diálogo com outras experiências, nos torna mais empáticos, e em alguma proporção somos nós também parte de uma ficção, a medida em que “nos significamos” dentro de uma história contada sobre nós mesmos, vivemos em função de uma interpretação do mundo. O fenômeno literário é um simulacro da realidade de cada humano e nele encontramos familiaridade que nos faz crer, contrariando José Saramago, que a literatura serve sim para muita coisa, ainda que não tenha essa pretensão, nem dela exijamos o cumprimento de funções práticas.

5 Considerações finais

O objetivo inicial desse trabalho foi um reencontro com o texto literário tentando fugir à mediação da teoria literária, da periodização e das muitas impressões críticas disponíveis no momento. Penso que foi alcançado. Reconheço que quase todo ele foi escrito de maneira mais ensaística do que científica, como requer a metodologia acadêmica. Talvez tenha sido um risco que, por fim, mostre-se um erro, mas o resgate do prazer de encontrar na literatura aquilo que ela tem de mais humana, “gente de verdade”, personagens que se tornam amigos de caminhada não poderia ser deixado de lado como percebo em muitos textos e que observo com certo incômodo.

A fundamentação teórica exigida para um Trabalho de Conclusão de Curso foi observada, leituras foram feitas, conceituações pesquisadas e aprofundadas, mas a vida do texto literário sempre exigiu mais evidência do que qualquer aporte nesse sentido. Barthes nos diz que “a literatura assume muitos saberes” (1978, p. 16) e não nos permite, como diz o mesmo autor, tão somente um caminhar, mas o ato essencial de respirar. Os textos teóricos, costumeiramente, nos apontam caminhos, eu privilegiei a respiração e encontrei em Olívia e Ana excelentes companhias para respirar, mais e melhor, enquanto sigo meu caminho no ensino de literatura.

Referências:

BARTHES, Roland et. al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de Intervenção*. Sel. Apres. e Notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 17. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DALCASTAGNE, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.

LUCAS, Fábio. *Do Barroco ao Moderno: vozes da literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1989.

SAUTHIER, Ademar A. *Liberdade e compromisso: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

TEYSSIER, Paul. ‘O Continente’ ou le livre des origines. Nova Renascença, Porto: Fund. Eng. António de Almeida, n. 57-58, primavera-verão 1995.

VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. 34. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. *Olhai os lírios do campo*. 66. ed. São Paulo: Globo, 1994.

_____. *Solo de Clarineta. Memórias*. Vol. I. 20. ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Org. Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: UFRGS/EDIPUCRS, 1996.

_____. *O tempo e o vento: o continente I*. São Paulo: Globo, 2002.

ABSTRACT: “Around the spindle: wisdom lessons with Olívia and Ana” has the goal of establishing a dialogue of the life experiences of the two characters, introduced respectively in Erico Verissimo’s Behold the Lilies of the Field (1938) and Continent I (1949). The spindle as meeting point of these two women, who sit to speak about their own lives, lives which only exist in the literary aspect, but here, as objects of this essay, are taken as an ordinary life. They make confidences and build themselves, and give us important advices. Olívia is sweet and determined; she loves, but is capable of waiving love due to a greater cause. She defends that in order to be happy, money and success are not enough. Solidary, altruistic and generous, she deals with conflicts with faith and comprehension, with the absolute belief that the destiny will find ways to rescue the human being lot in each being. Ana Terra is synonymous of strength and intensity. She loves and surrenders herself body and soul, she knows no limits. She fights against the destiny, resists with bravery, and has the answer for her anguishes in the time, a time that goes by without mention to faith or transcendence, but with the certainty that it will come to correct the roughness of life. Olívia and Ana meet at the difference, each one sews in their own way with the thread of Ariadne, an intuitive element, so common between women, that will lead to the final point, in their case, love must also be associated with death.

KEYWORDS: Olívia; Ana Terra; strength; romance; wisdom.